

Encenação do caminho
rumo ao Inferno,
da montagem de *Fausto*
feita pelo cenógrafo
Ernest Klausz, em Paris,
em 1933. A obra anônima
do século XVI teve
dezenas de versões

FOTO: DE AGOSTINI PICTURE LIBRARY/
BRIDGEMAN IMAGES/KEYSTONE BRASIL

EM SUA PRIMEIRA TRADUÇÃO NO BRASIL,
HISTÓRIA DO DOUTOR FÁUSTO,
ESCRITA HÁ MAIS DE 500 ANOS,
ANTEVÊ O MITO DO HOMEM MODERNO
DOMINADO PELO ÍMPETO CRIATIVO
E PELA COMPULSÃO DESTRUTIVA

por Jerônimo Teixeira

SOMOS TODOS FAUSTO

Ernest Klausz 1933



BRIDGEMAN IMAGES/KEystone BRASIL

Nos poucos registros documentais que se descobriram sobre ele, Jörg Faustus não parece feito da matéria das lendas. Em 1520, um bispo pagou por seus serviços de astrólogo. Anos depois, seu nome foi associado, em registros municipais, aos crimes de feitiçaria e sodomia. Em uma carta enviada a um amigo, um religioso alemão diz que Faustus se apresentava como o “príncipe dos necromantes”, mas era apenas “um vagabundo, um falastrão e um biltre enganador”. Também o acusava de se entregar “ao tipo de lascívia mais perverso com os garotos”. Sem jamais ter conquistado a reputação de outros alquimistas e ocultistas de seu tempo — como um Paracelso ou um Cornelius Agrippa —, Fausto parece ter sido um mero charlatão — e homossexual, condição que não seria bem-vista no século XVI. Em torno dessa figura obscura, acumularam-se sinistras histórias de invocações demoníacas, e dessa fama popular emergiria afinal um dos grandes mitos de nossa era. A história do sábio doutor que entrega sua alma ao Diabo na ânsia de acumular conhecimento bate no nervo mais sensível de um tempo cujos

principais empreendimentos — a pesquisa científica, a conquista da natureza, o crescimento econômico — não conhecem limite. Sobretudo nos mais de 12 mil versos do portentoso poema dramático a que o gênio alemão Johann Wolfgang von Goethe dedicou boa parte de sua vida, Fausto passou a encarnar ao mesmo tempo o ímpeto criativo e a compulsão destrutiva do homem moderno. Bem mais modesto em extensão e ambição, o marco inicial desse mito definidor, *História do doutor Johann Fausto*, obra anônima do século XVI, acaba de ganhar sua primeira tradução em português.

Lançado pela editora Filocalia, com tradução fluente e notas esclarecedoras de Magali Moura, professora de língua e literatura alemã na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), *História do doutor Johann Fausto* é uma coleção heterogênea de histórias sobre o doutor em teologia que, dotado de “pretensiosa curiosidade”, se dedicava a estudos de feitiçaria “com a intenção de investigar todos os fundamentos do Céu e da Terra”. Os elementos básicos do mito foram fixados por esse livro, que o editor Johann Spies imprimiu em Frankfurt, no ano de 1587. Para avançar suas pesquisas ímpias, Fausto busca conjurar o

DOUTOR EM TEOLOGIA, JOHANN FAUSTO ERA DOTADO DE "PRETENSIOSA CURIOSIDADE" E SE DEDICAVA A ESTUDOS DE FEITIÇARIA "COM A INTENÇÃO DE INVESTIGAR TODOS OS FUNDAMENTOS DO CÉU E DA TERRA"

DE AGOSTINI PICTURE LIBRARY/BRIDGEMAN IMAGES/KEYSTONE BRASIL



Acima, na encenação de Klausz, a reprodução do Inferno. Acima, à esquerda, o encontro com Mefistófeles, em montagem de 2011 dirigida por Terry Gilliam. Versões do mito vão de Goethe a Fernando Pessoa e inspiraram até a banda Queen, em "Bohemian rhapsody"

próprio Diabo. Surge então diante dele um espírito do mal, um demônio chamado Mefostófiles — em séculos posteriores, o nome mudaria para Mefistófeles —, que aceita servir a Fausto em troca de seu corpo e alma, a serem entregues depois de 24 anos. O pacto é firmado em um contrato escrito com sangue. Fausto questiona seu auxiliar infernal sobre mistérios da criação e do cosmo, voa pelo céu para ver os astros, viaja por grande parte da Europa e pela Turquia, convive com príncipes e monarcas, usa seus poderes de ilusionista para enganar desafetos e encantar companheiros de farra. No final da vida, junta-se a Helena de Troia, conjurada do mito grego por artes do demônio, e chega a ter um filho com ela — mas a beldade e o menino eram só ilusão: desaparecem depois da morte de Fausto. Ao final dos 24 anos estipulados no contrato, Fausto é despedaçado pelo demônio e condenado à eternidade no Inferno.

A obra é um produto da Reforma que Lutero começara na primeira metade daquele

século. O tom moralizante é pesado: já na folha de rosto da edição original afirmava-se que a história de Fausto deveria servir de "terrível exemplo" a todos os cristãos. Nas notas e no posfácio da edição brasileira, a tradutora chama a atenção para o caráter reacionário do texto, que condena o espírito inquietador de seu herói. Para os padrões da época, *História do doutor Johann Fausto* foi um best-seller, com 22 edições em pouco mais de dez anos, além de traduções para o flamengo, o holandês, o francês e o inglês. Foi na Inglaterra, aliás, que Fausto encontrou o primeiro autor a lhe dar dignidade literária — Christopher Marlowe, dramaturgo que abraçava o espírito herético do personagem alemão.

Marlowe nasceu no mesmo ano que William Shakespeare, 1564, mas começou sua carreira de dramaturgo mais cedo — há três anos, um time de 23 especialistas concluiu que os dois trabalharam juntos na redação de *Henrique VI*, que era creditada somente a Shakespeare. Ao lado da carreira de autor teatral, ele também exercia atividades secretas, a serviço de figurões da Corte da rainha Elizabeth I. Testemunhos da época contam que Marlowe professava as ideias mais heréticas e escandalosas: dizia, por exemplo, que Jesus era um bastardo e sua mãe uma mulher desonesta, e que só homens tolos não gostavam de tabaco e de rapazes. Havia uma ordem de prisão contra ele, por blasfêmia, quando Marlowe se reuniu a três companheiros de má fama em uma taverna, em maio de 1593. Houve algum desentendimento entre eles, e Marlowe acabou assassinado com uma punhalada.

A obra *A trágica história do doutor Fausto*, escrita entre 1588 e 1589, é reputada como sua melhor peça. Os eventos são em grande parte retirados do livro editado por Spies, mas o elemento doutrinário desaparece por completo. A arrogância do Fausto inglês é mais eloquente: "A palavra danação não me aterroriza", proclama ele. E quando o terror afinal se instala no coração do personagem, na cena final em que ele vislumbra as chamas do Inferno, o leitor ou espectador já simpatiza com seu drama. Longe de servir como advertência contra o pecado, o protagonista de Marlowe aparece como um herói falho, mas injustiçado. É o que constata o crítico inglês Ian Watt em *Mitos do individualismo moderno*: Fausto é "o homem

punido por querer tudo — o mesmo que o restante da humanidade quer”.

Goethe admirava a tragédia de Marlowe. Sua própria investida no mito do pactário tomou-lhe seis décadas de trabalho. Teria pouco mais de 20 anos quando começou a escrever a primeira parte de *Fausto* — *uma tragédia*, publicada em 1808, e só em 1831 concluiu a segunda parte, cuja edição seria póstuma. Morreu aos 82 anos, em 1832. É nos versos de Goethe que Fausto efetivamente deixa seu acanhado gabinete medieval para entrar violentamente na modernidade. Suas primeiras conversas com Mefistófeles já demonstram uma ambição desmedida. Na tradução do poeta português António Feliciano de Castilho: *As sensações da espécie humana em peso./quero-as eu dentro de mim (...)/assim me torno eu mesmo a humanidade; e se ela ao cabo/perdida for, me perderei com ela*. Na segunda parte da tragédia, Fausto tentará se tornar um benfeitor da humanidade, comandando um empreendimento gigantesco, com diques que pretende usar e controlar do mar. Esse projeto de desenvolvimento material cobra vidas: Fausto deseja derubar um chalé que destoa de sua paisagem renovada, mas o velho casal que vive lá se recusa a sair. Fausto então pede a Mefistófeles que resolva o problema, sem perguntar pelos métodos que o demônio empregará para tanto. O chalé é incendiado e o velho casal morto.

No anedotário coligido na edição de Spies, Fausto prega peças quase pueris naqueles que o contrariam. Faz crescer uma temporária galhada de cervo na cabeça de um nobre e desmonta magicamente a carroça de um camponês que lhe recusa uma carona. Os crimes do Fausto de Goethe são bem mais graves. O assassinato do casal idoso que estorva seus planos de modernização não é o único episódio em que ele provoca destruição é infelicidade: ainda na primeira parte do poema, Fausto se envolve com Margarida, uma jovem provinciana, e acaba por conduzi-la ao opróbrio social, à prisão e à morte. Goethe, no entanto, não condena seu herói ao Inferno: no final do poema, os anjos estendem a Fausto a mão redentora, e o homem que firmou pacto com o demônio vai reencontrar Margarida nos Céus. Em um lance de erotismo cômico, Mefistófeles deixa escapar a alma de Fausto porque a beleza dos anjos o distrai. Eis a “cantada” que ele passa em seus antagonistas celestiais, na tradução



MARK ZUCKERBERG, COMO UM FAUSTO DIGITAL, EMPENHOU-SE NO PROJETO ILUMINISTA DE UMA REDE QUE PROMETIA A UTOPIA DA CONEXÃO GLOBAL, MAS ACABOU POR LIBERAR OS DEMÔNIOS DO EXTREMISMO

de Haroldo de Campos: *Tu longilíneo, não me desagradas,/Modos padrescos não te assentam nada./Se me olhasses com ar mais provocante!/E esses vestidos longos, tão sem graça!/O nu seria aqui mais decoroso./O quê? Viram-me as costas? Por detrás/ Os traquinas são mais apetitosos...*

A condenação sem recurso do mito original retornaria no *Doutor Fausto*, de Thomas Mann. Fausto aqui é o compositor Adrian Leverkühn. Mann tinha uma sólida educação musical e, ao lado do francês Marcel Proust, foi dos poucos escritores bem-sucedidos na quase impossível tarefa de descrever uma peça musical. Entre uma e outra discussão sobre teoria musical, esse romance de 1947 defronta-se com os demônios históricos conjurados pelo nazismo. Os temas do pacto e da condenação são quase totalmente despidos da parafernália sobrenatural que dava colorido às versões anteriores de Fausto, e a danação de Leverkühn vem na forma de uma sífilis que o mata em 1940. Serenus Zeitblum, o amigo de Leverkühn que narra a triste história do compositor, põe o ponto final no relato dias depois da rendição ao Aliados, em maio de 1945. A tragédia desse Fausto confunde-se com a tragédia da Alemanha.

A história anônima publicada por Spies, a tragédia de Marlowe, o poema monumental de Goethe e o romance de Mann são os pontos culminantes do mito de Fausto. Na literatura, na música, no cinema, há outras

versões da história. Fausto virou personagem de ópera com o francês Charles Gounod, em 1859, e de musical com o americano Randy Newman, em 1995. Ganhou sombras expressionistas, em 1926, no filme mudo do alemão F.W. Murnau. Seduziu a imaginação do francês Paul Valéry e do português Fernando Pessoa, que deixaram poemas inconclusos sobre o personagem. O motivo literário do pacto com o Diabo traz ecos fáusticos a *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, a *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, e até a “Bohemian rhapsody”, do Queen. No universo pop, Doutor Fausto tornou-se um vilão, criado por Stan Lee para desafiar o Capitão América.

Passaram-se já 500 anos desde o tempo em que o Fausto “real” vendia suas mandingas e previsões astrológicas, e sua lenda ainda encontra ressonância. Em *Tudo que é sólido desmancha no ar*, livro popular nas rodas descoladas dos anos 1980, o americano Marshall Berman — um crítico marxista, mas não muito ortodoxo — foi feliz em definir o Fausto de Goethe como a “tragédia do desenvolvimento” — vale dizer, do progresso permanente da ciência, da expansão infundável da economia capitalista e do preço infernal que esses avanços cobram no campo social, político ou ambiental. Escrevendo ainda durante a Guerra Fria, Berman falava dos perigos da energia nuclear como o tema fáustico do momento. Hoje, se pensaria antes na crise climática. Ou talvez nas redes sociais: embora o figurino geek de Mark Zuckerberg não combine com a túnica sombria do mago medieval, o criador do Facebook, como um Fausto digital, empenhou-se no projeto iluminista de uma rede que prometia a seus usuários a utopia da conexão global, mas acabou por liberar os demônios da ideologia extremista, do sectarismo partidário e talvez até da manipulação política das massas. Entre os primeiros investidores do Facebook estava outra figura fáustica: Peter Thiel, que, entre outros tantos empreendimentos em tecnologia, patrocina pesquisas para estender a longevidade humana — um esforço para retardar o angustiante relógio que, no último ato do Doutor Fausto de Marlowe, anunciava o fim dos dias do pactário sobre a Terra. Fausto talvez seja um mito imortal exatamente por isso: porque somos todos mortais.

Na França, a ópera *Mefistófeles* (à esq.), encenada em 2018, de Jean-Louis Grinda. No cinema mudo (abaixo), o alemão F.W. Murnau deu sombras expressionistas ao mito

SZ PHOTO/SÜDDEUTSCHE ZEITUNG PHOTO/KEYSTONE BRASIL

